

Cadernos de Tradução
Instituto de Letras

Nº 1 – Janeiro de 1998

APRESENTAÇÃO

É com enorme satisfação que apresentamos à comunidade acadêmica o primeiro número dos *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras*. Esta publicação responde a uma necessidade e atende a um desafio encampado pela atual direção da Unidade de abrir um canal para a atividade dos nossos tradutores (alunos e professores) e de todos os que têm interesse pelas questões envolvendo a matéria.

O Curso de Bacharelado de nosso Instituto que forma tradutores em seis línguas (Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Japonês) comporta e requer um espaço específico para a sua práxis. Além disso, há textos fundamentais na área dos estudos lingüísticos e literários que poderão agora ter seu acesso facilitado por parte dos alunos da Graduação e, sobretudo, da Pós-Graduação. Por isso mesmo, a proposta desses *Cadernos de Tradução* é a de oferecer a um preço reduzido um material didático de qualidade e que seja do interesse de um público amplo e diversificado, reduzindo consideravelmente a perniciosa e desleal prática do “xerox”.

Espera-se igualmente com a presente publicação atender no devido tempo a uma demanda existente nas Ciências Humanas para a tradução de textos básicos de referência nas disciplinas afins, os quais estabelecem com as Letras uma rede interdiscursiva crucial na constituição dos sentidos que circulam nos espaços de entremeio dessa área do conhecimento.

O número inaugural da série dos *Cadernos de Tradução* coube à Profa. Neusa da Silva Matte, coordenadora do NET (Núcleo de Estudos de Tradução “Olga Fedossejeva”), responsável pela organização do volume e, igualmente, colaboradora com a tradução do texto que abre os Cadernos. Este texto - o *Outro da Tradução* - é da autoria de Theo Hermans, da University College London, importante figura na área da Tradução, o qual faz uma reflexão instigante sobre a intrincada relação entre o tradutor, o texto traduzido e a comunidade cultural a quem cabe a tarefa interpretante. O texto seguinte, traduzido pela profa. Ana Zilles, coordenadora do Projeto Varsul, é de Gregory R. Guy, sociolingüista destacado que atua na York University (Canadá), na área da Variação, e que já esteve ministrando Cursos em nosso Instituto. Por fim, encerra este número um artigo de Michel Pêcheux, fundador e principal mentor da

Escola Francesa da Análise de Discurso, traduzido por duas alunas de nossos Cursos, respectivamente, Ana Marshall, da Pós-Graduação, e Heloisa Monteiro Rosario, da Graduação. O texto selecionado - "Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso" - é leitura obrigatória nas disciplinas sobre o discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras e discute as fronteiras e pressupostos teóricos que demarcam e distinguem essa forma de conhecimento.

Chegam assim, com muitas expectativas favoráveis, os primeiros *Cadernos de Tradução*, que esperamos cumpram o papel desejado por nossa Comunidade. Para isso, porém, torna-se imprescindível a cooperação efetiva de todos, apresentando sugestões e matérias de interesse para os próximos números, os quais terão sempre um novo organizador convidado.

Bem-vindos, todos, e boas leituras.

Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira
Diretora do Instituto de Letras da UFRGS

OUTRO DA TRADUÇÃO : DIFERENÇA, CULTURA, AUTO - REFERÊNCIA

Theo Hermans¹

Tradução: Neusa Matte²

1.

Se é verdade que no princípio foi o verbo, então quase a partir do princípio houve um problema de tradução. Ou melhor: há neste princípio um problema de tradução que ainda está aqui, neste princípio, nesta palavra que se encontrava aqui quando comecei.

É evidente que estou me referindo à palavra bíblica, o ponto crucial evidente na abertura do Evangelho Segundo São João, 'No princípio foi o verbo' - embora, de fato, a palavra que estava lá no princípio fosse 'logos', já que o texto era em língua grega. Uma observação simples, bem sei, mas que vale como lembrete. Temos a tendência a negligenciar a tradução mesmo que ela nos encare de frente. Nós esquecemos facilmente o quanto a tradução é parte da construção da nossa cultura.

Mas há outro começo que instiga o 'logos' e que é atraído para o problema da tradução. Ele nos reporta a Aristóteles, mas permitam-me fazer minha abordagem com o auxílio de Hans-Gerog Gadamer. Na qualidade de um hermeneuta, Gadamer está muito atento às questões do significado e da interpretação. Em um ensaio de 1966 *Man and Language* - que, muito apropriadamente, tendo em vista o título, começa e termina com questões de tradução - Gadamer toma a definição clássica de Aristóteles do homem como um ser que possui 'logos'. Mais do que a tradução que define o homem como um 'ser racional', traduzir 'logos' como 'razão' ou 'pensamento' Gadamer prefere entender - e portanto, traduzir - 'logos' como 'linguagem'. O homem não é somente um ser racional, mas também, e principalmente, um animal que possui a linguagem. O ponto de Gadamer é que o aspecto que mais distingue o homem consiste na capacidade que tem de se comunicar além da esfera do dado imediato, por exemplo, se referindo a conceitos gerais ou abstratos, ou ao futuro. Através da linguagem o homem pode manifestar aquilo

¹ University College London

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Letras